REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

A POÉTICA DA ESCREVIVÊNCIA: TENSÕES SOCIAIS, ESTUDOS CULTURAIS, RESISTÊNCIA E RECONFIGURAÇÃO SUBJETIVA EM “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE POETICS OF ESCREVIVÊNCIA: SOCIAL TENSIONS, CULTURAL STUDIES, RESISTANCE, AND SUBJECTIVE RECONFIGURATION IN “OLHOS D’ÁGUA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística & Letras e Artes

• 10/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794134599

José Flávio da Paz[1]

Célia Ferreira de Sousa[2]

Claudinei Lombe[3]

Tereza Maria de Lima[4]

Tiago Gonçalves Camargo[5]

RESUMO

Este trabalho analisa a coletânea “*Olhos d’água*” (2014), de Conceição Evaristo, obra composta por 15 contos que narram a existência de mulheres e homens negros em contextos de pobreza e violência urbana. A autora, doutora em Literatura Comparada e expoente da literatura brasileira, utiliza sua origem em uma favela de Belo Horizonte para fundamentar uma narrativa que dá voz a sujeitos historicamente marginalizados. O objetivo central é investigar como a categoria da escrevivência, escrita que nasce da experiência vivida, atua como ferramenta de resistência e construção de identidade. Busca-se examinar a representação da população afro-brasileira, observando como a ficção preenche lacunas históricas e promove uma crítica ao racismo estrutural e à desigualdade social. A dimensão analítica das personagens sustenta-se na ideia de uma "vida de ferro", onde mulheres como Ana Davenga, Maria e Natalina equilibram-se na "corda bamba do tempo". O viver na violência é onipresente, manifestando-se em tiroteios frequentes e na letalidade do Estado, que interrompe "sonhos de vida". Contudo, a obra apresenta potentes símbolos de resistência: a subversão da "língua do senhor" para construir a liberdade de "maldizer" a opressão e o pacto político-afetivo de "não morrer", que transforma o ato de escrever em uma necessária "maneira de sangrar" para preservar a dignidade humana. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa de cunho revisional de documentos literários, realizando uma análise cerrada (close reading) dos contos originais. O corpus é examinado sob a ótica dos Estudos Culturais, priorizando a literatura como produção simbólica que reconfigura o imaginário social. Os resultados indicam que a obra de Evaristo funciona como um manifesto de renascimento, simbolizado em personagens como Ayoluwa, oferecendo perspectivas de transformação social e cultural. Na educação literária, a obra é um instrumento fundamental para a

aplicação da Lei 10.639/03, pois fomenta uma prática pedagógica antirracista que reconhece as diferenças, valoriza a ancestralidade e contribui para a formação de sujeitos críticos capazes de enfrentar as injustiças do presente.
Palavras-chave: Escrevivência; Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Resistência; Violência Urbana.

ABSTRACT

This paper analyzes the short story collection "*Olhos d'água*" (2014) by Conceição Evaristo, a work comprising 15 stories that depict the lives of Black women and men in contexts of poverty and urban violence. The author, who holds a Ph.D. in Comparative Literature and is a leading figure in Brazilian literature, draws on her upbringing in a favela in Belo Horizonte to craft a narrative that gives voice to historically marginalized individuals. The central objective is to investigate how the category of "escrevivência", writing born of lived experience, functions as a tool for resistance and identity construction. The study seeks to examine the representation of the Afro-Brazilian population, observing how fiction fills historical gaps and offers a critique of structural racism and social inequality. The analytical dimension of the characters is grounded in the idea of a "life of iron," where women such as Ana Davenga, Maria, and Natalina balance themselves on the "tightrope of time." Living amid violence is omnipresent, manifesting itself in frequent shootings and state-sanctioned lethality, which cuts short "dreams of life." However, the work presents powerful symbols of resistance: the subversion of the "language of the master" to forge the freedom to "curse" oppression, and the political-emotional pact to "not die," which transforms the act of writing into a necessary "way of bleeding" to preserve human dignity. The research adopts a qualitative methodology focused on the analysis of literary documents,

conducting a close reading of the original short stories. The corpus is examined from the perspective of Cultural Studies, prioritizing literature as symbolic production that reshapes the social imagination. The results indicate that Evaristo's work functions as a manifesto of rebirth, symbolized by characters such as Ayoluwa, offering perspectives on social and cultural transformation. In literary education, her work is a fundamental tool for implementing Law 10.639/03, as it fosters an anti-racist pedagogical practice that recognizes differences, values ancestry, and contributes to the development of critical thinkers capable of confronting the injustices of the present.
Keywords: Escrevivência; Conceição Evaristo; Afro-Brazilian Literature; Resistance; Urban Violence.

1. INTRODUÇÃO: A ESCREVIVÊNCIA COMO PRÁXIS DE EXISTÊNCIA

A obra de Conceição Evaristo, especialmente a coletânea *Olhos d'água* (2014), não se oferece ao leitor como um mero exercício estético, mas como um projeto político-literário que a autora denomina escrevivência. Segundo a própria Evaristo, trata-se de uma escrita que se alimenta da experiência de vida da autora. No cenário dos estudos literários contemporâneos, esse conceito rompe com a ideia de neutralidade do narrador, trazendo para o centro da página sujeitos que contam fatos reais e refletem sobre problemas genuínos em busca de dignidade.

Nessa direção, entenda-se:

> *A Escrevivência poderia se aproximar da afirmativa de Clarice de que a aprendizagem da escrita está no mundo; entretanto guardando distâncias, muitas talvez. "Escrever é dominar o mundo", assevera Clarice. A mexicana Frida Kahlo diz que é como se ela pintasse a si própria, a realidade. Também com a Frida, uma aproximação cautelosa poderia ser tentada para emparelhar Escrevivência com "o pintar a si próprio, a realidade". Entretanto, creio que a similitude entre Escrevivência e a autorreflexão de uma e de outra tende mais a se distanciar do que a se cruzar. E o distanciamento vai se delineando na medida em que se lê o lugar subjetivo em que essas autorreflexões nascem, a linguagem que é usada para a explicitação do pensamento e com quais outros caminhos as reflexões produzidas por elas se imbricam (EVARISTO. In.: DUARTE e NUNES, 2020, p. 34).*

Como observa a pesquisadora Heloisa Toller Gomes (2014), no prefácio da obra, a escrita de Evaristo é atravessada por uma unidade temática que busca ajustar o foco na população afro-brasileira, abordando a "pobreza e a violência urbana que a acometem" sem recorrer a sentimentalismos facilitadores. Para Gomes, a frase "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro", extraída do conto "A gente combinamos de não morrer", funciona como uma epígrafe contundente para compreender a tessitura poética que a autora imprime à ficção.

Sob a ótica dos Estudos Culturais, a obra de Evaristo pode ser lida como uma atualização da dialética colonial. Na introdução do livro, Jurema Werneck (2014) utiliza a metáfora de Caliban, personagem de *A Tempestade*, de Shakespeare, para explicar a posição da mulher negra na literatura. Werneck afirma que a mulher negra, ao

habitar um cenário de discriminações e violações de direitos, assume o papel de um “Caliban atualizado, vivo, pujante”.

Ainda, segundo esta autora, essa subversão ocorre quando o sujeito marginalizado “aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de maldizer”. Ao subverter a “língua de Próspero”, o homem branco, a mulher negra na escrita de Evaristo abre caminho para a liberdade, expondo as regras do jogo social e descortinando mistérios históricos. Essa ação é o que a pesquisadora chama de *Nommo*: “o axé, a palavra que movimenta a existência”. A literatura de Evaristo, portanto, reivindica o corpo presente, o que significa, fundamentalmente, ação.

2. A ANÁLISE DAS PERSONAGENS

2.1. A o Viver na Violência: A “Corda Bamba do Tempo”

A análise das personagens em *Olhos d’água* revela o que Heloisa Toller Gomes (2014) descreve como uma “significantiva galeria de mulheres” que, embora difiram em idade, compartilham uma mesma “vida de ferro”. Essas mulheres equilibram-se no que a autora chama, no conto “*O cooper de Cida*”, de “corda bamba do tempo”.

A violência não é apenas física, mas estrutural, manifestando-se na precariedade do cotidiano. No conto que dá título ao livro, a narradora é assaltada por uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo sobre a cor dos olhos de sua mãe, revelando como a luta pela sobrevivência pode causar um apagamento das memórias afetivas mais profundas. A fome é descrita não como uma abstração, mas como algo que “pareciam debochar do vazio do nosso

estômago” e que obriga as mães a “inventarem jogos para distrair” a necessidade de alimento dos filhos.

2.2. Maria e Ana Davenga: Corpos Dilacerados e Sonhos Interrompidos

A dimensão analítica das personagens se aprofunda nos contos “Maria” e “Ana Davenga”. Em “Maria”, a violência urbana e o racismo estrutural convergem para um linchamento brutal. A personagem, que carregava “restos” da casa da patroa para alimentar os filhos, tem sua vida ceifada por uma multidão que a criminaliza apenas por ser negra e estar próxima a um assaltante. Como destaca o texto, Maria portava mãos marcadas por “facas a laser que cortam até a vida”, uma metáfora para a exploração contínua que precede a morte física.

Já em “Ana Davenga”, o barraco é transformado em um “quartel-general”, onde a vida de uma mulher grávida é interrompida por uma metralhadora policial. Para Gomes (2014), esse “estilhaçar ficcional” reflete a precariedade dos personagens para quem, às vezes, a “morte é leve como a poeira”. O texto de Evaristo “implode a sua própria técnica narrativa” para denunciar que, no contexto das exclusões brasileiras, “nada escapa” à violência de Estado.

2.3. O Pacto Coletivo: "A Gente Combinamos de Não Morrer"

Se até o momento discutimos a violência que dilacera o corpo individual, aqui, focamos na resistência que se costura coletivamente. O conto “A gente combinamos de não morrer” representa, segundo Heloisa Toller Gomes (2014, p. 11), o “clímax” do fluxo narrativo da obra, onde a voz feminina se fragmenta em

múltiplos narradores para dar conta de uma tragédia que é, ao mesmo tempo, comum e insuportável.

Nesta narrativa, a morte é descrita como algo que “brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos” e a vida é tratada como uma “estopa” que se incendeia facilmente. Entretanto, o título do conto, que se tornou um lema de resistência política no Brasil contemporâneo, estabelece o que Gomes (2014, p. 12) define como uma “tenaz vitória humana sobre a morte”. Ao utilizar a variante linguística popular - A gente combinamos, Evaristo não comete um erro, mas realiza um ato de identidade e pertencimento. Como afirma Jurema Werneck (2014, p. 14), este é o momento em que o sujeito marginalizado “radicaliza o jogo” e “abre caminho para a liberdade” através da palavra que reivindica o corpo presente.

2.4. Simbologia e Ancestralidade: As Águas de Oxum

A resistência em Evaristo não é apenas reativa; ela é profundamente fundamentada na ancestralidade. No conto-título “Olhos d’água”, a busca da narradora pela cor dos olhos de sua mãe revela um retorno às origens e à terra natal. A descoberta final de que a cor dos olhos da mãe era “cor de olhos d’água” evoca a divindade Mamãe Oxum, cujos rios são “calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície”.

Jurema Werneck (2014, p. 14) conecta essa imagem à força mística e social das mulheres negras, identificando-as com o arquétipo de Oxum que, “às portas da casa de Oxalá”, amaldiçoa a injustiça e a pobreza até se tornar a “dona de toda a riqueza”. Essa riqueza em Evaristo não é material, pois, a escrita, aqui, serve para nomear o mundo como forma de apropriarmo-nos dele, transformando a dor

da exclusão em um pacto de renascimento simbolizado na personagem Ayoluwa, cujo nome significa “a alegria do nosso povo”.

2.5. Duzu-Querença: O Delírio Como Voo e a Semente do Futuro

O conto “Duzu-Querença” ilustra o ciclo da violência e a possibilidade de transcendência pela memória. Duzu, uma mendiga que vive nas escadarias de uma igreja, é apresentada em sua velhice, mas sua história é marcada pelo trauma do “entrar-entrando”, o início prematuro na prostituição sob o teto de Dona Esmeraldina. Para Duzu, a sobrevivência exigiu a criação de um “faz de conta” onde, mesmo que as pernas falhassem, ela possuía “asas para voar”.

Este delírio, longe de ser apenas loucura, é uma estratégia de resistência contra uma realidade que proibia o sofrer. O destino de personagens como o neto de Duzu, Tático, morto aos treze anos, é inexoravelmente negado pela estrutura social. Contudo, a resistência sobrevive na figura da neta Querença, que retoma os sonhos da avó. Querença, também com treze anos, escolhe outro caminho: o estudo, o ensino para crianças da favela e a participação política na Associação de Moradores. Ela personifica a necessidade de reinventar a vida e umedecer os sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais.

Outrossim, a obra de Evaristo, instala o que se chama de cultura de arkhé atualizada. Isso significa que os contos atestam a presença e o poder de uma tradição viva que não se perdeu no tempo, apesar das tentativas coloniais de apagamento. Essa tradição manifesta-se no cotidiano das personagens que “costuram a vida com fios de ferro”, preservando sua dignidade através da “persistente costura dos fios

da ficção" (Gomes, 2014, p. 12). A escrevivência de Evaristo é, portanto, o mecanismo que permite à população negra deixar de ser mero ouvinte desautorizado para se tornar o narrador soberano de sua própria história.

2.6. A Infância Negligenciada: O Extermínio da Esperança

Enquanto a primeira parte deste estudo focou na violência que incide sobre o corpo adulto, esta seção debruça-se sobre a representação da infância em *Olhos d'água*. Conceição Evaristo apresenta uma galeria de crianças cujos destinos são, muitas vezes, "inexoravelmente negados" pelas estruturas de exclusão social (Gomes, 2014, p. 11). Através de personagens como Di Lixão, Lumbiá e Zaíta, a autora expõe como a precariedade da vida periférica atinge aqueles que deveriam representar o futuro.

No conto "Di Lixão", a narrativa descreve a agonia de um adolescente em situação de rua, cuja única companhia é a dor física (uma bola de pus na gengiva) e a memória de uma mãe que nenhuma falta fazia. A morte de Di Lixão é marcada por uma imagem de regressão biológica e existencial. Como observa Heloisa Toller Gomes (2014, p. 11), ao ser atingido pela dor e pelo abandono, o menino vai se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto. Para a pesquisadora, a força simbólica de tal regressão física e emocional é de uma síntese irreparável, denunciando uma sociedade que empurra suas crianças de volta ao útero da terra antes mesmo que possam crescer (Gomes, 2014, p. 11).

Já o conto "Lumbiá" explora a ironia trágica entre a fé e a miséria. O protagonista é um menino vendedor de amendoins e chicletes que, em meio ao frio e à febre, busca no presépio de uma loja de luxo o

“Deus-menino” que, em sua imaginação, “só faltava ser negro como ele”. A morte de Lumbiá, atropelado ao tentar levar a imagem sacra para protegê-la do frio, simboliza o choque brutal entre a fantasia infantil e o asfalto implacável da cidade. A escrevivência de Evaristo, aqui, atua para humanizar o “pivete” que o transeunte comum ignora, transformando sua “verdade-mentira” em uma denúncia da solidão infantil.

2.7. Zaíta e o Cotidiano da Guerra

O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” oferece uma perspectiva contundente sobre o impacto do crime organizado e da letalidade policial no cotidiano doméstico. Zaíta e sua irmã Naíta são crianças que vivem entre o desejo de completar coleções de figurinhas e o som de estampidos de balas que “enfaitam o coração da noite”.

A narrativa destaca a perda da inocência quando o irmão de Zaíta, buscando “uma vida que valesse a pena” fora do trabalho braçal e empobrecido dos pais, ingressa no tráfico de drogas. O desfecho, em que Zaíta morre durante um tiroteio enquanto procurava uma “figurinha-flor”, é selado pelo grito da irmã: “- Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!”. Esta frase encerra o que se chama de estilhaçar ficcional, onde o lúdico é interrompido pela barbárie, e o objeto da infância, o brinquedo, é deixado para trás como testemunha do corpo caído.

2.8. Subjetividade e Prazer: A Liberdade de Luamanda e Salinda

Diferenciando-se das narrativas de dor, Evaristo também dedica espaço em sua obra para a celebração do corpo negro e a exploração de subjetividades femininas que reivindicam o prazer. Jurema

Werneck (2014, p. 15) aponta que, nesta literatura, a “palavra que é dita reivindica o corpo presente”, o que se traduz em ação e autonomia sobre os próprios desejos.

Em “Luamanda”, a protagonista é descrita como uma “mulher livre que experimenta todos os prazeres que a vida lhe oferece”. O conto subverte o estereótipo da mulher negra apenas como força de trabalho, apresentando-a em sua plenitude sexual em diferentes fases da vida: desde o primeiro gozo-dor na adolescência até a maturidade, onde descobre que o amor “não cabe em um corpo”. Luamanda explora o prazer com homens jovens, velhos e também “em braços semelhantes aos seus”, encontrando uma “doce e feminil carinho” que prescinde da presença fálica.

Este diálogo com a dissidência sexual é aprofundado em “Beijo na face”. A personagem Salinda vive a tensão entre um casamento opressor e vigiado e a descoberta de um “novo e secreto amor” por outra mulher. A narrativa descreve o encontro de duas mulheres negras, “ambas aves fêmeas”, cujo carinho se torna uma “presença incrustada nos poros da pele e da memória”. Como afirma Werneck (2014, p. 14), estas personagens são subversões de Caliban: elas aprendem a “língua do senhor”, as normas sociais, mas constroem a liberdade de “maldizer” essas mesmas normas através de uma afetividade que rompe com o cárcere doméstico.

3. O ENSINO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/03 E A FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS

A inserção da obra de Conceição Evaristo no currículo escolar não é apenas um cumprimento burocrático da Lei 10.639/03, mas um imperativo ético para a desconstrução do silenciamento histórico

imposto à população negra. No cenário da educação atual, a obra *Olhos d'água* atua como um dispositivo pedagógico que desloca o estudante da posição de mero ouvinte para a de um sujeito que reconhece a palavra que é dita como uma forma de corpo presente, o que, em última análise, significa ação.

Retomando a introdução da obra, essa literatura desautoriza o lugar de passividade, convidando o leitor a fazer existir outro mundo através do diálogo com as histórias narradas. Para o ensino básico e superior, isso implica uma prática docente que utilize a escrevivência para promover o pensamento crítico, permitindo que os alunos reflitam sobre problemas genuínos e busquem dignidade e felicidade tanto para si quanto para a coletividade.

Destaque-se ainda que, um dos pilares para o ensino da obra de Evaristo é o conceito de "cultura de arkhé atualizada", cunhado pelo pesquisador Muniz Sodré e citado por Werneck (2014, p. 14). No contexto de sala de aula, trabalhar essa ideia permite que o professor aponte para a presença e o poder de uma tradição viva que resiste aos processos de apagamento colonial. A literatura de Evaristo não olha para o passado como algo morto, mas como uma fundação que sustenta o presente.

O conto final da coletânea, "Ayoluwa, a alegria do nosso povo", oferece um fechamento pedagógico potente. A narrativa descreve uma comunidade em "pitimba", escassez total, onde até a natureza minguava e as palavras faltavam às bocas. Esse cenário de desamparo, onde os jovens se deixavam morrer por descrença na vida, dialoga com muitos contextos escolares contemporâneos marcados pela vulnerabilidade.

No entanto, o nascimento de Ayoluwa, cujo nome significa “a alegria do nosso povo”, descrevendo-a como a “tenaz vitória humana... sobre a morte”. No ensino, esse conto pode ser explorado para demonstrar como a esperança, personificada na mãe Bamidele, continua “fermentando o pão nosso de cada dia”. A lição final da obra é que, mesmo quando um olho chora pela dor, o outro deve espiar o tempo procurando a solução.

A aplicabilidade pedagógica de Evaristo estende-se à sua própria biografia. Apresentar aos alunos uma autora que foi menina pobre em uma favela de Belo Horizonte, trabalhou como empregada doméstica e tornou-se doutora em Literatura Comparada e pesquisadora internacional é um ato de educação antirracista por excelência.

Evaristo exemplifica a possibilidade de utilizar a academia e a “língua do senhor” para produzir uma contra-narrativa que não esquece suas ancestrais, as quais “desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue”. Como afirma Gomes (2014, p. 12), sua escrita é “uma maneira de sangrar”, mas também de preservar as vidas “costuradas com fios de ferro” através da persistente costura da ficção.

4. DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS: REPRESENTAÇÃO E PODER NOS ESTUDOS CULTURAIS

A discussão sobre como a obra de Conceição Evaristo dialoga com as teorias da representação e do poder. Nos Estudos Culturais, a representação não é um reflexo passivo do real, mas uma construção ativa de significados que disputa espaços de hegemonia. Em *Olhos d’água*, essa disputa é central. O texto evaristiano opera

uma mudança radical de paradigma, o lugar de mero ouvinte é desautorizado. Nesta literatura/cultura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente. O que quer dizer ação.

Essa reivindicação do corpo presente subverte a histórica objetificação do corpo negro na literatura brasileira. Ao dar voz a personagens que antes eram apenas vistos ou descritos por um olhar externo, Evaristo confere-lhes o poder da autorrepresentação. A escrita deixa de ser um exercício de estilo para tornar-se uma forma de nos apropriar do mundo, de nomeá-lo para movimentar a existência.

A intertextualidade com as matrizes africanas é o que sustenta a dimensão de poder na obra. Werneck identifica na narrativa de Evaristo a figura da Iyalodê, “a que fala pelas mulheres que não podem falar, contando, dizendo, amaldiçoando”. Este poder de maldizer não é destrutivo, mas emancipatório. É a subversão da língua colonial, a língua de Próspero, para expor as regras do jogo e descortinar os mistérios da opressão.

Um exemplo nítido dessa dinâmica de poder encontra-se na análise que Werneck (2014, p. 14) faz da figura de Oxum. A divindade é representada às portas da casa de Oxalá, amaldiçoando a pobreza e a injustiça que recaíam sobre as mulheres, e transformando essa indignação em força e poder para tornar-se a “dona de toda a riqueza”. Nos contos, essa riqueza se manifesta na dignidade recuperada de personagens que, apesar de despossuídas, expressam uma vitalidade própria que o texto de Conceição insiste em celebrar.

A relação de poder em *Olhos d'água* também é examinada sob a ótica da violência institucional. A autora ajusta o foco na população afro-brasileira para abordar, "sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem". O poder do Estado, manifestado no braço policial, aparece como uma força que interrompe o fluxo da vida, como visto nos contos "Ana Davenga" e "A gente combinamos de não morrer".

Nesse contexto, o viver na violência é descrito por como um equilíbrio precário na corda bamba do tempo. A precariedade dos personagens é tamanha que a própria técnica narrativa de Evaristo se pulveriza e implode para mimetizar um mundo onde a desgraça vaza dos poros da terra e nada escapa. Essa implosão textual é a resposta estética ao poder esmagador de uma sociedade de exclusões.

5. A ESCRITA COMO CONTRA-PODER E ANÁLISE ESTILÍSTICA: A ESTÉTICA DA LIQUIDEZ E A METÁFORA HÍDRICA

Para Evaristo, escrever é exercer um contra-poder, é uma forma de invocar e evocar vidas costuradas com fios de ferro, preservando-as através da persistente costura dos fios da ficção. Ao registrar essas existências, a autora garante uma "tenaz vitória humana sobre a morte", impedindo que o apagamento histórico, uma das formas mais cruéis de exercício do poder, se complete.

A literatura afro-brasileira de Evaristo, portanto, não é apenas um relato de dor; é um manifesto de renascimento. O nascimento de Ayoluwa, a alegria do nosso povo, sela esse compromisso com a vida que fermenta como o pão cotidiano da esperança.

Nesta perspectiva, debruçamo-nos sobre os recursos estilísticos que conferem a *Olhos d'água* sua unidade poética. O título da coletânea não é fortuito, ele estabelece o que se pode chamar de estética da liquidez, na qual a água funciona como o elemento que conecta a dor, a ancestralidade e a sobrevivência.

No conto-título, a narradora persegue a cor dos olhos da mãe, uma busca que se transfigura em um ritual de resgate da própria identidade. Ao descobrir que a cor é, na verdade, "cor de olhos d'água", a narrativa revela que a visão dessas mulheres é permanentemente mediada pelo choro, mas um choro que não as imobiliza. Como descreve o texto, são "águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície". Estilisticamente, Evaristo utiliza a água para simbolizar a profundidade da alma negra que, embora marcada pela face lacrimosa, guarda em si a força de rios caudalosos que sustentam a vida.

A forma literária em Evaristo mimetiza a precariedade das vidas narradas. Observa-se que a obra apresenta um "estilhaçar ficcional que o texto assume ao reduplicar a precariedade de seus personagens". Essa técnica é particularmente visível em contos como "A gente combinamos de não morrer", onde a unidade narrativa se fragmenta em múltiplos focos para demonstrar como, na sociedade de exclusões, a vida pode ser leve como a poeira.

O texto implode a sua própria técnica narrativa para dar conta de uma realidade onde "a desgraça vaza dos poros da terra". Essa escolha estilística é um reflexo direto da escrevivência, se a vida das personagens é atravessada por rupturas e violências, o texto não poderia ser linear ou confortável. A estrutura pulverizada desafia o

leitor a não ser um mero ouvinte, mas a sentir o estilhaço da realidade periférica em cada página.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste estudo reitera que a obra de Conceição Evaristo não se limita à fruição estética, mas constitui um robusto dispositivo de intervenção social e pedagógica. No cenário da educação atual, o ensino de *Olhos d'água* atende plenamente aos pressupostos da Lei 10.639/03, não apenas por abordar a temática afro-brasileira, mas por desestabilizar as bases do racismo epistêmico que silenciou esses saberes por séculos. A escrita de Evaristo desautoriza o lugar do mero ouvinte, transformando o ato da leitura em um exercício de corpo presente, o que equivale à ação política dentro e fora da sala de aula.

A aplicabilidade pedagógica reside na capacidade de os contos promoverem o que se chama de letramento racial crítico. Ao analisar personagens dos seus contos, os estudantes são desafiados a enxergar as estruturas invisíveis do racismo estrutural, das violências contra a mulheres e das práticas feminicidas e da desigualdade social, movendo-se da empatia passiva para a compreensão sociológica do real. A literatura, nesse sentido, cumpre sua função humanizadora e formativa ao preencher as lacunas deixadas pelos livros didáticos de história, oferecendo uma subjetividade digna àquelas e aqueles que foram reduzidos a estatísticas de violência.

A inserção de Evaristo nos Estudos Literários contemporâneos promove uma descolonização do olhar acadêmico. Através do conceito de escrevivência, a autora demonstra que a experiência de grupos marginalizados pode e deve ser convertida em teoria e

matéria-prima criativa. Esta prática desafia a pretensa neutralidade da linguagem dos senhores, permitindo que o estudante-leitor perceba a língua como um território de disputa e libertação.

A obra *Olhos d'água* realiza um estilhaçar ficcional que mimetiza a precariedade da vida periférica, forçando os leitores a confrontar o avesso de apoteose de uma sociedade que pulveriza corpos negros. No entanto, é através dessa mesma técnica que se preserva a memória, costurando com os fios da ficção as existências que o ferro da história oficial tentou apagar. A formação de leitores críticos passa, obrigatoriamente, por este reconhecimento da literatura como um espaço de vitória humana sobre a morte.

Em suma, a trajetória e a produção de Conceição Evaristo, de menina de favela a doutora e referência mundial, exemplificam o poder transformador da resistência intelectual. Sua escrita é, de fato, uma maneira de sangrar, mas um sangramento que denuncia para curar, que expõe a ferida para exigir a dignidade.

Ao combinarmos de "não morrer", conforme o pacto celebrado no conto central da obra, não estamos apenas adiando o fim biológico, mas afirmando o direito à memória, ao prazer, à ancestralidade e à autoria. *Olhos d'água* permanece como um farol para os Estudos Culturais e para a educação brasileira, lembrando-nos de que, enquanto um olho chora a dor do presente, o outro deve, incansavelmente, "espiar o tempo procurando a solução".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In.: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência:** a

escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2014.

GOMES, Heloisa Toller. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2014. p. 9-12.

WERNECK, Jurema. Introdução. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2014. p. 13-16.

---

[1] Pós-Doutor em Ensino de Ciências e Humanidades/Educação/Psicologia, Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6600-9548. Lattes: https://lattes.cnpq.br/5717227670514288. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[2] Doutoranda em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4591-7587. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4760211024075582. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[3] Mestre em Educação, Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, São Paulo, Brasil. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1055754153174671. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8682-8666. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[4] Pós-Doutoranda em Letras, Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. Doutora em Letras, Secretaria da

Educação do Ceará (SEDUC-CE), Fortaleza, Ceará, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6975-2508. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[5] Mestrando em Educação, Universidade São Francisco (USF), Bragança Paulista, Brasil, São Paulo, Brasil. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8755232221393244. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.